

DE COMO A LITERATURA DE CORDEL PORTUGUESA SE TORNOU BRASILEIRA

*Márcia Abreu (Unicamp)*

É difícil precisar quando a literatura de cordel emigrou para o Nordeste brasileiro. Segundo Câmara Cascudo, no seu Cinco Livros do Povo, em 1600 foram enviados vinte resmas de "Pierres e Magalonas" e em 1605 doze livros da "donzela Theodora". Laurence Hallewell encontrou a História de Roberto o Diabo na "notícia do catálogo de livros que se acham à venda em casa de Manuel Antônio da Silva Serva (...) Rio de Janeiro, 1811"<sup>1</sup>.

No "Romance d'A Pedra do Reino" de Ariano Suassuna há uma referência a um folheto sebastianista que, em 1836, já andava impresso pelo sertão pernambucano.

Segundo Roberto Emerson Câmara Benjamin<sup>2</sup>, "é fato provado a comercialização de folhetos portugueses e é viável mesmo de outras nacionalidades no Brasil do século XIX (...) Portugueses, ingleses, franceses e italianos imigraram ou viajaram pelo interior do Nordeste (...) Impressos diversos circularam pelo sertão, vindos da Europa, como a célebre "novena do mês das Almas, com aprovação eclesiástica do Bispo do Porto" (...) A Livraria Garnier comercializava no Rio de Janeiro folhetos portugueses impressos na cidade francesa do Havre e a Livraria de Antônio Gonçalves Guimarães folhetos impressos em sua própria tipografia, alguns editados por volta de 1865".

Os folhetos que aqui chegavam eram escritos, geralmente, em prosa e algumas vezes na forma de quadras. Durante quase todo o século XIX as cantorias e estórias realizadas no Brasil eram feitas em "obras de quatro pés", isto é, estrofes de quatro versos heptassílabos. A conversão deste estilo foi feita basicamente por via oral. Vejamos um exemplo de um desafio em quadras:

"Me responda esta pergunta  
Que eu nunca fiz a ninguém  
Em cima daquela serra  
Quantos pés de capim tem?"

Se o sol não estragou  
E nem o gado comeu  
Em cima daquela serra  
Tem o capim que nasceu"<sup>3</sup>

Em 1900, Cabeceira e Caetano ainda cantavam na forma de quadras, como vemos no final deste desafio travado pelos dois:

"Cabeceira: Seu capitão João de Melo  
Dê licença sem demora  
E veja eu rasgar um negro  
Na cachorro da espora!  
Caetano: Senhores que estão na casa  
Do capitão João de Melo  
Venham ver como é que um negro  
Estraçalha um amarelo!"<sup>4</sup>

Além da quadra havia, na época, o Mourão de cinco e o de sete pés (versos), que é uma cantoria em forma de diálogo onde os poetas se alternam, dizendo cada um deles um ou mais versos.

Outro gênero utilizado no passado era a glosa, composição de heptassílabos tratados de dois modos diferentes, conforme o mote tivesse dois versos ou quatro. No primeiro caso o primeiro pé de mote figurava como quarto verso da glosa e o segundo como o último. Esta modalidade ainda hoje é utilizada, com pequenas modificações. No segundo caso, quando o mote é de quatro pés, faziam-se quatro décimas, terminada cada uma por um dos versos do mote. Hoje em dia já não se encontra esta forma.

No final do século, Romano Teixeira e Silvino Pirauá acrescentaram dois pés às quadras e criaram a sextilha, gênero ainda muito usado tanto no improvisado quanto nos folhetos de cordel.

Foi também Silvino Pirauá quem introduziu a obrigação de, nos desafios, o adversário compor o primeiro verso da resposta rimando com o último deixado pelo contentor e foi um dos primeiros a compor romances escritos e a imprimi-los.

Segundo Atila Almeida e José Alves Sobrinho<sup>5</sup>, "a cantoria explodiu nos termos conhecidos hoje, no final do século passado, depois das inovações introduzidas por Pirauá, de mistura com a preocupação intelectual do grupo Teixeira."

Tem-se ainda atribuído a Pirauá a idéia de rimar as histórias tradicionais.

Também Leandro Gomes de Barros foi pioneiro na composição de romances escritos, sendo talvez o primeiro a escrevê-los e publicá-los regularmente.

Através da contribuição de Leandro Gomes de Barros e de Francisco das Chagas Batista, a literatura popular em verso assumiu a nacionalidade brasileira. Estes dois poetas, além de rimarem as histórias tradicionais, inventaram folhetos originais e colocaram o sertão como tema de suas composições registrando os fatos mais notáveis da região. Criaram uma literatura que atingia o homem nordestino devido à sua linguagem e ao seu modo de encarar o mundo, levando em conta a realidade, o sistema de valores, a moral e as crenças do povo a que se destinava esta literatura.

Não se sabe ao certo quando foram introduzidas as estrofes de sete versos mas sabe-se que Chagas Batista já fazia uso desta forma. A décima também aparece, mas com frequência bem menor.

É importante lembrar também João Martins de Athayde e João Melchíades, que consolidaram definitivamente este tipo de literatura, que entre a década de 30 e 40 já se encontrava fortemente radicada no gosto do povo. Nesta época o cordel é fortalecido pela entrada de elementos de grande apelo popular como os cangaceiros e o Padre Cícero.

A década de 40 e 50 foi muito favorável ao cordel pelo interesse das camadas populares pela vida política do país. Vê-se isso pelo sucesso de venda e pelas altíssimas tiragens dos folhetos ligados a Getúlio Vargas. Não eram só os folhetos políticos que faziam sucesso nesta época; o romance A Louca do Jardim vendia a cada lida trezentos exemplares e a tipografia de José Bernardo da Silva tirava, no mínimo, doze mil folhetos por dia.<sup>6</sup>

Entre 60 e 70 registra-se uma séria crise no cordel, sendo que muitos especialistas chegaram a apregoar seu fim. Isto se deveu a diversos fatores, um deles foi a inflação nacional que aumentou o custo dos folhetos e diminuiu o poder aqui sitivo do público; outro fator foi a censura e, principalmente a auto-censura que se impôs o poeta, limitando muitíssimo sua produção, especialmente no que se refere aos folhetos de "casos acontecidos" que sempre atraíram a atenção do público; há ainda a concorrência de novas modas que distanciaram um pouco a atenção dos jovens da literatura de cordel, apesar de ser sempre grande seu número nas rodas de leitura de folhetos. Pensou-se que a televisão pudesse ter contribuído para esta crise mas parece que ela não atinge a maioria da população tanto pela linguagem que utiliza quanto pelos assuntos que veicula. Além disso ela tem servido de inspiração aos poetas popula res já que estes frequentemente vertem para a linguagem e para o gosto do povo nove las e outras apresentações televisivas.

Na década de 70 a literatura de cordel recebe um novo impulso - o interesse de intelectuais por este tipo de produção. Mas continua ainda o problema de ordem econômica já que os poetas não adotaram ainda métodos que poderiam baratear a produção e voltar a atingir grandes camadas da população. Assim, devido aos altos custos da produção somente poetas conhecidos e renomados conseguem imprimir e vender suas histórias, ficando os poetas pobres sem meios de divulgar suas obras.

#### O Encontro de uma Donzela Brasileira com uma Portuguesa

Como já dissemos anteriormente só nos foi possível obter folhetos de cordel portugueses em meados de janeiro, assim sendo ainda não pudemos estudá-los e analisá-los adequadamente. Mesmo assim, desejamos tecer algumas considerações iniciais acerca da Verdadeira História da Donzela Teodora em que se trata de sua grande

formosura e sabedoria, de autor desconhecido, 10ª edição, Livraria Barateira, Lisboa, 1945 e da História da Donzela Teodora, de João Martins de Athayde, escrita entre 1880 e 1959, edição de Juazeiro, 5/8/1978.

Dentre os primeiros exemplares de literatura de cordel que chegaram ao Brasil certamente havia folhetos como estes, ou seja, folhetos que veiculavam histórias tradicionais. Certamente também, estavam escritos em prosa. A primeira e grande contribuição brasileira para a literatura de cordel foi transformá-los em verso. E esta foi também a principal preocupação de João Martins de Athayde neste folheto, como ele mesmo diz:

"Caro leitor, escrevi  
tudo que no livro achei  
só fiz rimar a história  
nada aqui acrescentei  
da história grande dela  
muitas coisas consultei"

Realmente o autor "nada aqui acrescentou", ou quase nada. É impressionante a similaridade das duas obras. A história portuguesa começa assim: "No reino de Tunis houve um mercador, natural da Hungria"; a brasileira, após a primeira estrofe - característica da literatura de cordel - onde o autor apresenta a história que vai contar, temos o seguinte: "Houve no reino de Tunis um grande negociante / era natural da Hungria / e negociava ambulante".

Se nos três primeiros versos temos uma coincidência, inclusive ao nível das palavras, no quarto há como que uma tradução para a nossa linguagem - o mercador é aquele que "negocia ambulante".

O verso seguinte diz que o negociante era uma "alma pura e constante". No folheto português não se encontra uma descrição moral do mercador, e mesmo da donzela diz-se muito pouco; o autor se concentra mais na trama e menos nas personagens. Já na versão brasileira há uma "valorização" destas mesmas personagens. Por exemplo, acerca da donzela fala-se somente o seguinte no cordel lusitano: "Ela se dedicou tanto à virtude e ao estudo que excedeu a todos os homens e mulheres que naquele tempo existiam, tanto em filosofia, como em música e outras artes". Vejamos o que dela diz João Martins de Athayde:

"(...)  
em pouco tempo ela soube  
o que ninguém mais sabia  
  
Mandou ensinar primeiro  
música e filosofia  
ela sem mestre aprendeu

metafísica e astrologia  
descreve com distinção  
história e anatomia

Ela que já era um ente  
nascida por excelência  
como que tivesse vindo  
das entranhas da ciência  
tinha por pai o saber  
e por mãe a inteligência

Em pouco tempo ela tinha  
tão grande adiantamento  
que só Salomão teria  
um igual conhecimento  
cantava música e tocava  
a qualquer um instrumento

Estudou e conhecia  
as sete artes liberais  
conhecia a natureza  
de todos os vegetais  
descrevia muito bem  
a casta dos animais

Descrevia os 12 signos  
de que é composto o ano  
da cabeça até os pés  
conhecia o corpo humano  
e dava definição  
de tudo do oceano

Admirou todo mundo  
o saber dessa Donzela  
tudo que era de ciência  
podia se encontrar nela  
o professor que ensinou-a  
depois aprendeu com ela"

Toda esta preocupação em caracterizar o melhor possível os personagens talvez seja uma tentativa de aproximá-los mais do público, de fazer com que o povo

se identifique com eles. Para que esta identificação pudesse se processar era necessário também adequar alguns detalhes da história à moral ou aos costumes da região e da época. No folheto português não há menção alguma ao fato de o mercador possuir ou não uma esposa. É possível que aos olhos nordestinos parecesse estranho um homem vivendo só junto a uma donzela. Houve assim a necessidade de "encaixar" uma esposa na narrativa:

"Só via em torno de si  
o vil manto da marzela  
em casa só lhe restavam  
a mulher e a Donzela  
então chamou Teodora  
e pediu um parecer dela"

Outro momento onde se sente um sabor brasileiro é no debate da donzela com os sábios. Na história portuguesa ela é extremamente humilde e a todo momento pede a proteção dos Céus e licença ao Rei para responder. João Martins de Athayde faz do debate um verdadeiro desafio entre cantadores - Teodora e os sábios provocam-se, ameaçam-se mutuamente com a derrota e tentam humilhar o adversário. A título de exemplo vejamos o que diz o primeiro sábio:

"Donzela, estais preparada  
para responder-me tudo  
sem titubear em nada?  
se não estiver seja franca  
se não sai envergonhada"

Na história portuguesa a mesma passagem (pergunta inicial do primeiro sábio) não é tão calorosa, não permite um maior envolvimento do público, não faz com que as pessoas tomem partidos. Ele apenas diz: "-Tu, donzela, responder-me-ás ao que te perguntar?"

E a donzela responde, mas de maneira extremamente difícil e científica. Suas respostas são árduas e técnicas, tecendo considerações que escapam ao entendimento e ao gosto popular.

Mas o nordestino - e o povo em geral, poderíamos dizer - gosta de nomes complicados e esquisitos, como o próprio Graciliano Ramos<sup>7</sup> lembra a respeito do famoso debate de Inácio da Catingueira com Romano do Teixeira. Ele diz: "O branco possuía um vocabulário de que não alcançava direito a significação e lhe prejudicava certamente o estro, mas isto o elevava no conceito público."

Athayde consegue conciliar as duas coisas transformando as respostas da donzela em um horóscopo comum - a que o povo está tão acostumado - e mantém o nome dos signos em Latim. Casam-se assim a erudição e o entendimento.

Ainda em relação à linguagem é interessante notar que ela se mantém mista, com alguns termos se abrigando e outros mantendo-se lusitanos. Por exemplo, no folheto português temos a expressão "dobra de ouro" - comum em Portugal - que se mantém exatamente da mesma forma na obra de Athayde. Já as expressões "vestido" e "panos interiores" são substituídos no cordel brasileiro por "fraque, colete e camisa" e "ceroulas".

Mas, enfim, o que mais impressiona é a similaridade dos dois folhetos; realmente foi "tirado tudo direito da história grande dela" (Teodora), como diz João Martins de Athayde, no início da narrativa. Vemos assim que nesta fase a literatura de cordel brasileira já havia dado um passo em direção à sua distinção da literatura lusitana - a versificação - mas, ao mesmo tempo, mantinha-se ainda muito presa a ela.

---

#### NOTAS

1. apud. BORGES, Neuma Fachine. "Literatura de Cordel: origens, temas e formas de expressão." Jornal Literário. Lisboa.
2. "Breve Notícia de Antecedentes Franceses e Ingleses da Literatura de Cordel Nordeste" Separata da Revista Tempo Universitário, V. 6, nº 1, 1980.
3. in. Almeida, Atila Augusto F. de e Sobrinho, José Alves. Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada, Ed. Universitária, João Pessoa, 1978.
4. idem, ibidem.
5. ob cit pág. 11
6. apud MEYER, Marlyse. Autores de Cordel. Literatura Comentada. Abril Educação, São Paulo, 1980.
7. apud. Batista, Sebastião Nunes. Poética Popular do Nordeste. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1982.